



**WUNSCH**

Nova série.

Número 6

Julho 2007.

O cartel

Boletim internacional da  
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

## **Editorial**

### **Proposta para o cartel na Escola, em sua dimensão internacional.**

1 - Damos por fundamentada a tese do cartel como pilar da Escola, razão pela qual não vamos justificá-la.

2 - O cartel existe, e existe em nossa Escola. Existe em todos os lugares, é certo que em alguns lugares mais que em outros; em alguns lugares se colocará em prática o sorteio entre o grupo; em outros, não será possível; em alguns lugares, terão ocorrido jornadas de cartéis; em outros, os cartelisantes terão apresentado seus trabalhos em diversas jornadas de trabalho...

3 - No entanto, não há até o momento um instrumento que permita reunir e conhecer os cartéis de nossa Escola no nível internacional. Isso, se fosse possível, sem ser de todo realizável, já seria muito: um instrumento que reunisse todos os cartéis da EPFCL permitiria tomar o pulso da própria Escola e conhecer outros parâmetros de sua “saúde”, e um diálogo entre o que a própria Escola propõe como temas de trabalho e investigação gerais através dos encontros internacionais e jornadas locais, e os temas dos cartéis como indicadores das preocupações particulares e os interesses do “dia-a-dia”. Posto que o cartel é um núcleo da Escola, é possível pensar nele como um observatório privilegiado da vida da Escola.

4 - Para tal propomos uma comissão internacional de cartéis que se constituiria da seguinte maneira:

O CIOE, através de um de seus membros, se ocupa da coordenação geral de uma “comissão de cartéis”. Sua função seria velar pelo funcionamento geral desta comissão e difundir no nível internacional, de dois em dois anos e na ocasião do Encontro Internacional, o “estado da questão” dos cartéis através do meio que se considere mais propício. (Neste momento, o único meio possível é o eletrônico).

A “comissão de cartéis” estaria constituída ainda por um responsável por cada dispositivo epistêmico de Escola, 6 no total: Argentina, Colômbia, Brasil, França e 2 da Espanha (de maneira provisória e a se recompor, se for o caso, a partir da estrutura que nos dermos a partir de 2008).

Estes responsáveis pelos DEL teriam como função fazer um acompanhamento dos cartéis, conseguir que se declarem, que notifiquem sua finalização e interessar-se pelo destino dos trabalhos realizados através dos mais-um: é a cada responsável de cartéis

dessa comissão, portanto, a quem deveriam dirigir-se as declarações e notificações de finalização. O primeiro objetivo dessa comissão é a publicação eletrônica de um catálogo de cartéis e de atividades que giram em torno do mesmo, ainda que não deva ser o único.

Em resumo, se trata de criar uma comissão composta por um coordenador do CIOE e um responsável por cada DEL, com um primeiro objetivo de realizar um catálogo dos cartéis atuais até 2008.

Ramon Miralpeix, responsável por este nº 6

Tradução: Gonçalo Moraes Galvão

## O CARTEL

### Um cartel, por quê ?

Jairo Gerbase

Reduzo a três as questões que Lacan propõe acerca do cartel, na aula de 15 de abril de 1975 do Seminário RSI. Mas, não posso publicar senão uma, por razões de espaço.

Por que foi que coloquei bem precisamente que um cartel parte de três mais uma pessoa, o que, em princípio, faz quatro, e que dei, como máximo, cinco, graças ao que faz seis. Quer isso dizer que eu penso que, como o nó borromeano, há três que devem encarnar o Simbólico, o Imaginário e o Real?

Para comentar essa pergunta me refiro à intervenção de Soury, no seminário de 17 de janeiro de 1978, que pelo menos explica satisfatoriamente por que se parte de três.

Soury começa propondo uma analogia entre o número 0 e a cadeia de dois círculos, e o número 1 e a cadeia de três círculos.



No sistema de números, o 0 é o elemento neutro e o 1 é o elemento gerador:

$$[0 + 0 = 0] \quad [1 + 1 = 2].$$

No sistema de cadeias, o 2 é o elemento neutro e o 3 é o elemento gerador:

$$[2 + 2 = 2] \quad [3 + 3 = 4].$$

Quer dizer, pode-se obter todos os números a partir do número 1 e não se pode obter nenhum número a partir do número 0. Pode-se obter todas as cadeias a partir da cadeia de 3 círculos e não se pode obter nenhuma cadeia a partir da cadeia de 2 círculos. Isso é uma exigência de sistematização que vale para os números e para as cadeias, sobretudo borromeanas.

Logo, a operação de enlaçamento das cadeias se comporta como a operação de adição dos números. Na cultura matemática, o número 1 [e a cadeia de 3] é o elemento gerador ou exemplar. O número 0 [e a cadeia de 2] é o elemento neutro ou degenerado.

Há pelo menos duas razões para se denominar a cadeia de dois círculos de cadeia degenerada. A cadeia de 2 é o elemento neutro do enlaçamento, ou seja, não engendra nada novo. A cadeia de 2 é a degeneração da propriedade borromeana, ou seja: em um grupo cada elemento é indispensável; quando se retira um elemento o grupo não se sustenta mais; cada elemento sustenta todos os outros; todos os elementos sustentam o grupo; a propriedade borromeana é automaticamente realizada, logo, a cadeia borromeana degenera em dois porque aí não se verifica esta propriedade.

Portanto, parece que os três do cartel se enlaçam como no nó borromeano, e que é por isso que um cartel deve se dissolver quando pelo menos um real se solta, o que corresponde a uma propriedade borromeana. Em outros termos, no cartel assim como no nó borromeano estão em jogo três funções discursivas enlaçadas de modo borromeano, o que não é a forma ideal de enlace, porque a propriedade borromeana implica em que se cortando qualquer um dos elos o nó se desfaz.

### O cartel: uma aposta no dispositivo, uma possibilidade de criação

Silvana Pessoa

"Saíam de suas poltronas e produzam um escrito sobre o que formularam em suas análises e sua clínica, e o tragam a céu aberto para que um interlocutor possa levar a empreitada mais adiante. Se ainda não há uma conclusão, exponham ao menos suas crises de trabalho. Com certeza isso terá um efeito sobre o seu ato".

Cartel foi uma aposta de Lacan para a transmissão da psicanálise na sua Escola. Entretanto, nem sempre sua formalização foi precisa. No tempo da Escola Freudiana, não se sabia muito bem como funcionava o cartel, muito menos o mais-um. De 64 a 80, quando dá partida à Causa Freudiana, ele e seus colegas da comunidade analítica fizeram algumas experiências com diversos tipos de agrupamentos. Existiam supostos cartéis funcionando como seminários ou com 20 pessoas aproximadamente. Podemos verificar isso em documentos e relatórios institucionais sobre este tema.

Aquilo que seria a quarta seção da Escola Freudiana de Paris, o cartel - a "mais uma" das outras três seções, além das outras três: Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e de Inventário do Campo Freudiano -, não funcionou!

Seria esta a razão do fracasso da Escola? Rompendo-se a base, desmorona-se o edifício? Podemos questionar e analisar, pois, em mais uma tentativa de construção de uma outra Escola, a Escola da Causa. Ele, Lacan, ainda insiste no dispositivo dizendo: "restauro em seu favor o órgão de base retomando a fundação da Escola - ou seja, o cartel - do qual, feita a experiência, aprimoro a formalização".<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Lacan, J. D'Écolage. 11 mars 1980.

Uma proposta interessante, de fato, que denunciava o saber “pré-digerido” habitualmente fornecido nas outras instituições psicanalíticas; uma proposta dentro da lógica Lacaniana do não-todo, onde o impacto da destituição de um saber se faz sentir, que hoje, entretanto, mais de duas décadas depois, escuto em reuniões e verifico na nossa história que parece ainda não ter “decolado”. Por quê? Cabe analisar.

Tenho observado nestes anos no Campo da Psicanálise que geralmente as “entradas na Escola” se dão pelos Seminários Teóricos, acolhidos pelas Formações Clínicas de cada Fórum, por cursos mais ou menos estruturados de formação ou por grupos de pesquisa. Podemos pensar que esta é a melhor forma, a mais segura, do jovem analista manter-se mais protegido, enquanto verifica se é este mesmo o lugar que quer fazer a sua filiação e certamente a melhor forma do analista de construir um saber, ou melhor, um conhecimento, sobre um determinado tema, pois, sabemos de outros campos, que é “ensinando que se aprende”.

Entretanto, não é de segurança, nem do ensino que se trata no campo da psicanálise, muito pelo contrário. Não funcionamos numa estrutura hierarquizada, piramidal, onde existem conhecimentos básicos e elementares que precisam ser ensinados pelos mais experientes e assimilados pelos mais jovens para se passar para o estágio seguinte. Afinal, estamos todos em formação, que deve, e só pode ser permanente. Isso é uma vantagem. Deixa-nos mais jovens, ou melhor, menos velhos!

Estamos todos - sempre - dando voltas a redor do furo, titilando a verdade, nas nossas análises e na psicanálise em extensão. Nisto estou afinada com Lacan na sua aposta. Verifico na prática que trabalhamos melhor, conhecemos e somos mais conhecidos - e reconhecidos - por aqueles dos quais nos aproximamos em pequenos grupos. Esse é o lado bom do agrupamento. No entanto, existem diferenças radicais entre os membros de um cartel, inconsistências profundas que apenas a aproximação é capaz de revelar e que, se insuportáveis - e com pouca generosidade e tolerância -, podem levar a dissolução.

Apenas de perto se percebe as imperfeições da pele e as teias de aranha por detrás dos objetos, nos lembra Saramago, no documentário “Janela da Alma”. Por isso, somos convocados por este outro autor, a dar a volta ao redor do cenário, de toda a coroa da rainha de uma peça, antes de idealizarmos um objeto. Mais uma vez, dar a volta ao redor do furo.

Assim sendo, não deveríamos nós, membros dos Fóruns, nas Comissões de Acolhimento, estimular o trabalho em cartéis desde a entrada dos que se aproximam da nossa comunidade? Lacan, na ata de fundação da Escola Freudiana de Paris em 1964, define expressamente: “um cartel é, em primeiro lugar, a condição de admissão na Escola”. Por que ainda não privilegiamos essa forma de entrada? Podemos aproximar essa questão com a frase dita por Lacan quando fundou a sua escola: “aposto tudo no

funcionamento e muito pouco nas pessoas”.<sup>2</sup> Será que estamos nós, “as pessoas”, à altura desta aposta? Arrisco levantar a hipótese que a dificuldade maior de bancar este dispositivo, o cartel, reside no próprio processo de criação e no seu produto.

#### Uma possibilidade de criação

Ao participar de um cartel, entramos em um tema que é geral, de algo que nos é dado, e só podemos dar a partida ao ato criativo a partir do individual, quando nos implicamos com uma questão. Através da escolha das palavras e dos argumentos que sustentarão cada idéia ou conceito fazemos algo de novo surgir do que nos foi dado. Feita duramente a escolha das palavras, frases e parágrafos resta-nos colocar o produto no mundo, nomeá-lo e sustentar o que foi escrito. Nada simples ou natural - nem para os analistas. Verificamos isso, primeiro no nosso próprio processo criativo, depois na história e na atualidade da nossa Escola, como já foi dito neste trabalho.

O cartel, o seu fim - na sua dupla vertente, de finalidade e término -, já está posto desde o início, tal como nas análises e, para o cartel, Lacan diz: "Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois se dissolvam para fazer outra coisa (...) se desliguem antes de ficarem grudados para irremediavelmente".<sup>3</sup> Grudados irremediavelmente? Não cabe na lógica feminina, não-toda! Este enodamento temporário é necessário e fundamental para a produção.

Em uma análise, o analisando precisa do analista para fazer o atravessamento da diagonal da transferência e, no cartel, do mais-um, que sustentará o funcionamento e será o provocador da produção do grupo. Nas duas situações, a da análise e do cartel, o analista e o mais-um provocam a produção de saber a cerca do gozo, mas o analisando e cartelizante estão sozinhos no produto: a sua fala e a sua escrita são de sua única responsabilidade. Elas servem para circunscrever o real, fazer passar o gozo ao inconsciente. Isso não é sem consequências, essa passagem modifica inteiramente o ato, por isso, a necessidade do corte, da destituição e da dissolução.

Orientada por esta ética, como a Escola pode dar tratamento a este produto? O que fazer com o analista e sua criação - o produto próprio de cada um em cada cartel?

Os artistas fazem vernissage, apresentações públicas, concertos e saraus. Os analistas têm feito nos últimos anos Jornadas de Cartéis. Nós, em São Paulo, inventamos o Café Cartel, regado a chá, café e escuta de textos produzidos por membros de cartéis acerca do seu funcionamento dos cartéis, suas crises, passes e impasses. Podemos fazer algo diferente?

---

<sup>2</sup> Lacan, J. L'Autre manque. 15 janvier 1980.

<sup>3</sup> Lacan, J. Monsieur A. 18mars 1980.

Lacan tentou. Ele, utilizando a lógica feminina, não-toda, como gosto de pensar, nos obrigava a ultrapassar a inércia, a servidão dos saberes instituídos e o anonimato da multidão. Acreditava que para fazer o dispositivo funcionar bastava uma caixa de correio - dizia que isso tinha uma vantagem: "ninguém pede para fazer um Seminário na minha caixa de correio;<sup>4</sup> um correio que faça saber o que, nessa caixa, se propõe como trabalho; um congresso, ou melhor, um fórum onde isso se intercambie; enfim, a publicação inevitável para o arquivo; um pequeno boletim que faça o enlace,(...) para que os novos cartéis, que abundam, se façam conhecer".<sup>5</sup> Assim, instaurava um turbilhão, a fuga do sentido, em oposição à hierarquia, regida pela lógica do todo, que só se sustenta por gerir sentido, tal como a religião.

Por fim, e enfim, o que nos impede de realizar na nossa Escola - a Escola de psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - o desejo de Lacan que, na sessão de encerramento da IV Jornada da Escola Freudiana, expressou claramente: "gostaria que a prática desses cartéis que imaginei se instaurasse de maneira mais estável na Escola". O que nos impede de "abraçar essa causa", deixar a folha cair, escrever um texto e publicá-lo, criar algo novo e deixá-lo ir?

### A Escola "a céu aberto", por uma reconquista do campo lacaniano

Ana Laura Prates Pacheco

No Ato de Fundação da Escola Francesa de Psicanálise, em 21 de junho de 1964, Lacan propõe a Escola como "o organismo onde deve se cumprir um trabalho". E em seguida ele define os objetivos deste trabalho, quais sejam: "Restaurar, no campo aberto por Freud, a relha cortante de sua verdade: que conduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, aí denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego".

Trata-se, segundo Lacan, de um movimento de reconquista de um campo. A utilização de termos bélicos é constante; mas, evidentemente, a guerra é tomada por Lacan como uma extensão da política – como já se antevia na "Direção do tratamento e os princípios de seu poder" quando propôs que a liberdade tática e estratégica não justifica a perda da orientação política –, algo que será mais bem formalizado no seminário do Ato e na Proposição de 09/10/67.

O que quero ressaltar aqui, entretanto, é a aposta de Lacan de que a execução desse "trabalho de base" se dê através desse "pequeno grupo" que ele chama de cartel.

No dicionário, pode-se encontrar vários sentidos para "base": sustentáculo, apoio, suporte, alicerce, princípio, origem. A partir dessas acepções, pode-se afirmar que, sem

---

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Ibidem.

cartel, não há Escola. Mas é preciso acrescentar, ainda, o sentido militar. Nesse sentido, há duas bases: A base avançada que é a base militar provisória, a qual se localiza em área avançada do campo de operações e tem a função de apoiar as unidades envolvidas nas operações em curso. E a base de operações que é o acampamento militar onde são planejadas as ofensivas e para onde os soldados retornam caso a missão fracasse. Portanto, seja na ofensiva, ou na defensiva, a base é um local fundamental para as operações estratégicas e táticas que permitem sustentar uma operação política qualquer.

Por outro lado, curiosamente, no Preâmbulo deste mesmo “Ato de fundação”, Lacan propõe a separação entre o ensino e os dispositivos de garantia: “esta fundação, pode-se de início levantar a questão de sua relação ao ensino que não deixa sem garantia a decisão de seu ato. Estabelece-se que por mais qualificados que possam ser aqueles capacitados para aí discutir este ensino, a Escola não só não depende dele, como também não o ministra pois é realizado fora. Efetivamente, se por este ensino foi revelada a existência de uma audiência ainda insegura de si, na virada que fez a Escola, mais ainda importa marcar o que as separa.”

A questão do lugar do ensino me parece fundamental, sobretudo se lembrarmos que sua idéia está articulada historicamente com a educação. Educar: trata-se de um dos impossíveis freudianos, e observarmos que dessa impossibilidade Lacan escreveu o Discurso Universitário. Ora, do meu ponto de vista, pode-se extrair daí uma conseqüência bastante reveladora: se a noção moderna de infância corresponde ao imperativo moderno “edue-se”, que encontra sua versão mais bem acabada no *Emílio* de Rousseau, podemos propor que o “dispositivo de infantilidade” passa a ser um dos principais instrumentos de controle e domínio da subjetividade no mundo capitalista, ao que Lacan chamou de “infância generalizada”. O “tempo para se educar” corresponderá, então, ao tempo da transição entre a criança e o adulto, aquele que supostamente é educado, maduro, desenvolvido, adaptado. O discurso universitário cria a criança no lugar de objeto, deixando o sujeito do inconsciente impotente para alcançar sua verdade.

$$\frac{\text{Saber}}{\text{Mestre}} \rightarrow \frac{\text{Criança}}{\text{Sujeito}}$$

Retomo esse ponto que, evidentemente necessitaria de mais tempo para ser desenvolvido, apenas para mostrar a relação intrínseca da infância generalizada com o DU. Assim, se privilegiarmos o ensino, em detrimento do trabalho em cartéis, não estaremos renunciando rápido demais à crítica assídua, ou, por outro lado, fazendo concessões demais ao DU. Editá-riamos, de certa forma, contribuindo para certa infantilização dos chamados alunos, contribuindo para uma relação de mestria, em detrimento da “produção própria de cada um”.

Pois a noção precisa de Lacan de “garantia gratuita” é a lógica que orienta nossa formação, orienta nossa clínica e desejamos que oriente nossa experiência de Escola. A questão que eu gostaria de propor para o debate a céu aberto, nesta plenária, portanto, é exatamente esta: como estão nossas bases?

Concluindo, queria apenas chamar a atenção de vocês para essa expressão: “A céu aberto”, a qual, curiosamente, é utilizada por Lacan para se referir à Psicose. Vejam: a Escola, enquanto abrigo, ao contrário do que possa parecer, nos remete necessariamente à nossa condição de desamparo fundamental: no fundo, estamos todos à céu aberto. A precariedade de nossa condição nos remete forçosamente à realidade de que não há abrigo pronto ou definitivo já que o estado em que vivemos é sempre de emergência. Cabe a cada um reconstruí-lo e sustentá-lo a cada dia. Nesse sentido, parece-me que a idéia de que cada um possa, periodicamente, expor sua produção a céu aberto, remete

exatamente a essa contingência, a esse conjunto aberto, não-todo, que é a Escola. O campo lacaniano, portanto, não é um campo fechado a ser reconquistado, mas um campo aberto, que precisa ser conquistado por cada um, a cada vez, a cada ocorrência contingencial do discurso do psicanalista.

Para isso, precisamos apostar no cartel.

### Cartel ! ... para não dormir sobre os louros!

Blanca Sánchez Gimeno

Lacan apela para o cartel cada vez que vislumbra o fechamento da experiência psicanalítica no nível do grupo e realiza o ato de fundar e tornar a fundar uma Escola e sua causa. Na Nota anexa ao Ato de fundação de 1964, diz: *“Lembremo-nos de que a pior objeção que se pode fazer às sociedades da forma existente é o esgotamento do trabalho, manifesto até na qualidade, que elas causam nos melhores. O êxito da Escola se medirá pela publicação de trabalhos que sejam aceitáveis em seu lugar”*. Eu me pergunto se existe um esgotamento do trabalho em nossa comunidade de Escola. Penso com inquietação que existem indícios de que isso possa estar ocorrendo vinculando-os com a escassez de cartéis e de suas produções.

O passe é o outro grande pilar da Escola pensada por Lacan. Formulo a pergunta que orienta esta reflexão: seria possível uma Escola do Passe sem que seus membros passem assiduamente por um cartel? E proponho como o âmago destas linhas que há uma sólida conexão vinculando cartel e passe, que cartéis e passe dão solidários. Para que possa emergir esse desejo inédito do psicanalista e dele se queira dar provas no dispositivo do passe, existem algumas condições de Escola suficientes para que esse desejo circule. Essas condições só podem efetuar-se pelo trabalho constante e de vários em cartéis. Ninguém se sustenta sozinho em seu desejo, e o cartel me parece o dispositivo adequado para essa função. Esse pequeno grupo que é o cartel não se sustenta no amor a um líder nem na espera de respostas do Um que saberia, mas se enoda alimentado pela transferência de trabalho e pela circulação do desejo.

Se quisermos uma Escola viva, uma Escola cujos membros contribuam para o avanço do saber sobre a experiência psicanalítica, precisamos de cartéis funcionando desde o início do percurso. Para quem quer aproximar-se da formação psicanalítica, o cartel lhe dá a base para iniciar-se nos textos e na clínica, junto a outros colegas mais experientes; aos psicanalistas praticantes oferece a oportunidade de um debate entre pares com as perguntas candentes que fazem trabalhar cada um por sua análise e pelos pacientes que escuta. Essas perguntas não estão escritas nos livros, e as respostas, que não são coletivas, são elaboradas de novo, sempre de novo, por cada um com o saber que a experiência deposita. Cada um a elabora sozinho..., mas não sem os outros. Aos analistas que chamarei de “fim de análise”, sujeitos desidentificados, o cartel oferece a oportunidade de não delirar sozinhos e de pôr para funcionar o que os causou, a serviço do saber psicanalítico e de outros saberes.

Por outro lado – abro um parêntese -, Lacan não queria apenas analistas em sua Escola, e o cartel, se acreditarmos nele, seria um bom instrumento para nos abeberar em outros saberes que podem nos ajudar na teorização da experiência analítica, se formos capazes de despertar por ela o interesse de pessoas de outras disciplinas. Isto seria impulsionar o Campo Lacaniano com o giro dos discursos e do mais saber que se pode decantar!

Lacan queria uma Escola que não desmentisse o real em jogo na psicanálise, e seus projetos de Escola foram sua resposta a esse desejo, com estruturas coletivas, cartel e passe, que permitissem ir contra a tendência de todo grupo para desmentir o real, esse real a partir do qual se forma o analista, acrescenta Lacan. Uma Escola que, fundamentando-se sobre o não-todo do saber, tocasse numa ponta do real. Para que a



formação dos psicanalistas não deixe de reconhecer os impossíveis em que o real se manifesta, e que o saber por vir possa ser possível, não basta a análise pessoal que dá um vislumbre da estrutura do próprio saber inconsciente e do vazio sobre o qual se funda. É necessário que a cadeia não se rompa, é necessário o enodamento de muitos vazios para poder sustentar esse saber, se não se quiser seu desaparecimento, e esse enodamento borromeano tornando-se possível, segundo Lacan, feito e desfeito uma e mais vezes em cartéis sucessivos, é a única maneira de manter aberta a fenda desse saber que é pulsátil e que se fecha se não for trabalhado suficientemente. A maior aspiração dos humanos, nós o sabemos todos, é uma querença sem igual de nada querer saber do real que nos habita, e se os psicanalistas pretendem não dormir sobre os louros, o cartel lhes permite manterem-se acordados no encontro com outros colegas que, com sua escuta, perguntas e desejo relançam o desejo de saber de cada um.

O cartel cria um espaço de intimidade necessário ao desdobramento das questões da pesquisa própria; mas para que isso seja possível, precisa-se da confiança: a confiança mútua de que aquilo que se disser ali será escutado com respeito por mais insipiente e pouco articulado que possa parecer; a confiança de que a resposta do outro não se baseia em má fé, mas no desígnio de fazer avançar; a confiança para tratar das possíveis crises ou destemperos que em um dado momento algum dos componentes possa manifestar; a confiança de que esse real que dá a cada um sua forma, seu estilo e seu selo peculiares, com suas virtudes e defeitos, vai poder ser suportado pela estrutura desse pequeno grupo; a confiança de que aquilo que se capta da cada integrante, para lá de seus ditos, em sua vertente mais pulsional e desencarnada, não será utilizado para minar o ser de alguém na comunidade local nem fora dela. Um cartel não pode sustentar-se sem que a tão invocada ética da psicanálise se encarne em seus componentes. Só existe possibilidade de trabalho em comum se essa ética é vivida nos atos não só analíticos nas sessões, mas nos pequenos atos onde nos reunimos. Se existirem essas condições, o cartel, que é um aparelho excepcional onde se pode ousar pensar e não repetir a *doxa* conhecida, que é um lugar onde o que ainda não foi escrito está para sê-lo, poderá ter chance de advir; e dessa elaboração provocada, diz Lacan, o mais um deve ser zeloso. O cartel, quando funciona, tece entre seus membros laços de trabalho e de saber subversivos que nada têm a ver com o discurso do senhor ou universitário; quando funciona, um cartel sustenta o que cada integrante tem para dizer..., que ainda não foi dito; no cartel, às vezes, se escuta o dizer de cada um, o que constitui uma experiência francamente incomum.

O cartel atualiza o desejo de manter viva a psicanálise, único motivo pelo qual uma Escola é necessária. Se a Escola dos Fóruns quiser que o Passe tenha alguma chance, então seus membros precisarão tecer a estrutura que o sustente, que outra não é senão os cartéis.

Extrato da Comunicação apresentada nas Jornadas da Escola DEL-F5 - Espanha, San Sebastián, fevereiro 2007.

Tradução: Sílvia Sobreira

### O cartel ou o gonzo<sup>6</sup> da Escola

Patricia Zarowsky

A existência da Escola depende da existência dos cartéis. Eles são indissolúvelmente ligados. Assim o pensou, teorizou e instalou Jacques Lacan ao fundar a Escola Freudiana de Paris em 1964.

Lacan funda a EFP sete meses depois de ter sido proibido seu ensino na IPA (International Psychoanalytical Association) à qual pertencia. Ele não hesita em comparar esta exclusão ao que “se chama em outros lugares de excomunhão maior”<sup>7</sup> no que é a práxis psicanalítica na sua estrutura mesma que é sancionada então pela IPA. Lacan designa essa práxis como “uma ação concertada pelo homem... que o coloca em condição de tratar o real pelo simbólico”.<sup>8</sup>

Já encontramos nesta aula as premissas do que Lacan desenvolverá no Ato de Fundação como programa para sua Escola e a que ele dará outro alcance no seu ensino ao desenvolver o conceito de Campo Lacaniano a partir dos quatros discursos.

Eu os convido a reler o texto “Campo Lacaniano” de Colette Soler escrito em agosto de 2000, demasiadamente rico para se reduzir a alguns enunciados. Sobre ele direi muito pouco, mas esse texto desenvolve à maneira de Lacan o que este conceito, que é título da nossa escola, traz como objetivo de trabalho: “desenvolver o campo lacaniano consiste em fazer predominar a hipótese lacaniana na civilização”.

Para Lacan a Escola é o lugar “onde deve se cumprir um trabalho - que, no campo aberto por Freud, restaure a relha cortante de sua verdade – que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo – que, por uma crítica assídua, aí denuncie os desvios e as concessões que amortecem seu progresso degradando seu emprego.”<sup>9</sup>

Lacan faz assentar a execução desse trabalho sobre um novo dispositivo que ele inventa e que chama “cartel”. Grupo constituído de três a cinco pessoas, MAIS UMA encarregada da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um. O programa que ele instaura é composto de três seções: psicanálise pura, psicanálise aplicada e recenseamento do campo freudiano. Ao fim do cartel, seus membros comunicam à Escola o produto do seu trabalho.

---

<sup>6</sup> Empreguei a palavra cartel, porém, realmente, é a palavra cardo que está detrás, ou seja, a palavra bisagra. Lacan, J. Journées des cartels de l’Ecole freudienne de Paris, 12 avril 1975. Lettres de l’Ecole freudienne, 1976, n° 18.

<sup>7</sup> Lacan, J. Séminaire Les quatre concepts de la psychanalyse, Seuil, p.9.

<sup>8</sup> Idem, p. 11.

<sup>9</sup> Acte de Fondation, in Autres Ecrits, Seuil, p.229.

Qual é o alcance, para nossa Escola, a EPFCL, desse estranho dispositivo criado por Lacan e que tem efeitos de inconsciente?

Estranho, pois quando se deve explicar aos que se aproximaram recentemente da psicanálise que quando eles decidem trabalhar em cartel, quatro se escolhem, em seguida elegem em comum acordo um tema de trabalho e só depois eles devem escolher juntos um Mais-um, não é fácil explicar essa função, a não ser simplesmente como uma função de regulação. Mas a função de Mais-um imprime ao cartel uma estrutura bem particular e que vai além da regulação, mesmo se ela está presente.

Para compreendê-la, me parece que é preciso se levar em conta o que Lacan está trabalhando naquele momento do seu ensino.

Lacan ditou sua única aula “Introdução aos Nomes-do-Pai” no dia seguinte mesmo ao de sua exclusão da Sociedade Francesa de Psicanálise, em 20 de novembro de 1963. Ele decidiu que não retomaria nunca mais esse tema, percebendo uma impossibilidade dos psicanalistas naquele momento de entender o que para ele está no cerne da invenção freudiana. Dois meses mais tarde, em 15 de janeiro de 1964, ele se explica na aula de abertura de seu seminário *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, intitulada: “a excomunhão”. Ele diz: “O que eu tinha a dizer sobre os Nomes-do-Pai visava apenas a colocar em questão a origem, a saber, por qual privilégio o desejo de Freud pôde achar, no campo da experiência que ele designa como o inconsciente, a porta de entrada.”<sup>10</sup> Em seguida, o Ato de Fundação da EF,P na data de 21 de junho de 1964.

Apenas em 1973-74 Lacan vai voltar aos Nomes do pai no seu seminário *Les non-dupes errent*. No ano seguinte, no RSI, Lacan elabora o nó borromeano e faz do Nome-do-Pai o que faz o nó e permite a identificação ao Real do Outro Real. Lacan acrescenta: “é aqui que Freud designa o que a identificação tem a ver com o amor”.<sup>11</sup> Na aula de 15 de abril de 1975, ele diz que o que ele deseja é “a identificação ao grupo”, ele acrescenta que os seres humanos «quando não se identificam a um grupo, estão arruinados, eles devem ser internados. A identificação, que ele indica aqui no início de todo nó social e no qual Lacan inclui o cartel, é a identificação «ao ponto onde *a* está escrito no nó borromeano. Ora, este é precisamente o ponto onde falta o saber.”<sup>12</sup> Ali onde se situa o desejo.

Na nossa Escola, hoje, se trata de fazer existirem os cartéis pelo simples fato de que Lacan inventou este dispositivo? Reconhecemos sem dificuldade nesse dispositivo seu valor epistêmico, lugar de estudo de textos psicanalíticos. Contudo, além dos efeitos subjetivos do um a um, o trabalho de cartel tem efeitos não apenas sobre os laços de trabalho em nossa comunidade, mas também sobre o lugar da psicanálise no mundo. Lembremos que Lacan queria uma Escola de analisantes, todos analisantes, quaisquer que sejam seus títulos, tanto o AME como os outros. È no cartel que cada um, qualquer

---

<sup>10</sup> Lacan, J. Séminaire Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Seuil, p.16.

<sup>11</sup> Lacan, J. Séminaire R.S.I., inédit, leçon du 18 mars 1975.

<sup>12</sup> Soler, C. Cartel d’Ecole, in Mensuel n°25, Mai 2007.

que seja seu saber teórico, e apesar dele mesmo, sem o saber, coloca em questão, pois é o que o questiona, o que ele tem de mais real nele próprio.

Temos cartéis de elaboração para trabalhar a teoria e a clínica. Cartéis de escola para trabalhar o laço com a escola que se tornou muitas vezes “necessário” ao fim de uma análise. E cartéis do passe para que a comunidade psicanalítica possa mensurar não somente a eficácia da prática analítica sobre cada sujeito, mas ainda o que para cada um o determinou no seu desejo de aceitar a ocupar um lugar de um psicanalista para alguns e enfim para fazer progredir a teoria analítica. Isto não é um trabalho simples depois de Lacan, certamente! Mas ele é indispensável se queremos que a psicanálise, esta experiência particular, como nenhuma outra, sobreviva, se desenvolva e que esta suma teórica inventada por Lacan depois de Freud, não fique empoeirada no fundo de uma estante ou, pior ainda, que ela seja pervertida, deformada e não passe no discurso corrente esvaziada de sua substância: o desejo que ela veicula.

25 de junho de 2007

Tradução: Gabriela Teixeira

## QUINTO ENCONTRO INTERNACIONAL

### dos Fóruns e da Escola de psicanálise do Campo Lacaniano.

#### OS TEMPOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE.

A psicanálise e seu tempo  
e o tempo da psicanálise

V Encontro Internacional da IF-EPFCL

São Paulo – Brasil

5-6 de julho de 2008

#### Apresentação

Colette Soler

#### ATUALIDADE

Hoje a questão do tempo próprio da psicanálise nos vem de fora. O tema nos é trazido pela atualidade do discurso capitalista que faz do tempo um valor comercial como qualquer outro, ligado evidentemente ao regime dos gozos contemporâneos.

Grande diferença tanto em relação a Freud como a Lacan. No começo da psicanálise, foi no seio da comunidade dos analistas que a duração da análise esteve em questão e foi objeto de debate. Quando, meio século depois, Lacan quis fazer do tempo, não mais um dado inerte do quadro analítico, mas um dado inerente à relação de transferência e manejável em virtude disso na sessão, foi na ortodoxia ipeísta que ele esbarrou. O objeto de debate se tornara objeto de litígio, mas no mundo restrito dos analistas. Para nós, a interpelação é duplicada por outra, muito mais poderosa, a do discurso corrente. Os meios de comunicação se apoderaram do tema, que divulgam para o grande público, e informam até mesmo as demandas. Ser escutado durante um longo tempo a cada sessão, e sarar depressa, bem poderia ser a nova exigência de nossa época. Lógico: uma vez que hoje o tempo se compra e se vende, como o consumidor não iria querer comprar o gozo garantido de um tempo de sessão, e pedir ao analista vender-lhe uma análise curta?

E como analistas que se inscrevem sob o significante do Campo Lacaniano, campo de regulação dos gozos, poderiam ser surdos a isso e continuar indefinidamente deixando dizer? Tanto mais que o debate interno entre a corrente lacaniana e a ipeísta não está encerrado. E verifica-se todos os dias o quanto esta última, pelo menos na França, para bajular o espírito da época, não recua em fazer valer como pseudogarantia sua sessão longa e com duração fixa – e sem mais argumentação. Do outro lado, vimos até mesmo aparecer no Campo Freudiano o tema, não menos demagógico, da psicanálise aplicada produzindo enfim, após um século de vãos esforços, "a análise curta"! Vê-se como é grande a tentação para as políticas de parvoíce de jogar-se nos braços do discurso contrário, e por medo de que a psicanálise desapareça do mercado, acaba-se por contribuir ativamente para sua diluição no campo chamado psi, cuja cotação está em alta.

Nossa questão é diferente. Ela se situa entre dois escolhos, seja por não reconhecer que mudamos de mundo em alguns decênios e por ignorar soberbamente "a subjetividade de nossa época", seja por ceder em relação à oferta propriamente analítica em nome da adaptação realista, quando se trataria, antes, de precisar o que do tempo na psicanálise não pode oscilar ao sabor do espírito da época.

A análise, por exemplo, poderia não ser sempre longa, uma vez que sua extensão se mede em relação a uma espera? Desde a época das primeiras análises, muito curtas na realidade, alguns meses ou algumas semanas, já se lamentava sua duração, a começar por Freud, sem dúvida porque o modelo de referência era a consulta médica.

Outra constatação engraçada: os psicanalistas de diversas obediências, eles que não concordam em nada, concordam, entretanto, em relação a uma duração incompressível da análise e poderiam subscrever, quanto ao essencial, a frase de Lacan "é preciso tempo". Forçoso lhes é, com efeito, constatar que todas as tentativas para economizar tempo – e os houve na história da psicanálise – fracassaram.

Quanto à duração da sessão, em contrapartida, desde que Lacan tocou nesse tabu, a luta permanece acirrada. Já não seria o sinal de que o analista não se considera verdadeiramente como responsável pela duração da análise, enquanto, no que diz respeito ao tempo da sessão, ele sabe que aí entra em jogo uma opção, e que ela deve ser justificada...

O inconsciente seria o recurso? Mas primeiro seria necessário responder à pergunta, lancinante, ao longo de todo o ensino de Lacan e sempre retomada até o fim: o inconsciente, o que é isso? Na realidade, em seus debates históricos sobre o tempo, os analistas o usaram como argumento, mas sem que conclusão alguma se impusesse, pois dele pode-se dizer uma coisa e seu contrário: que o inconsciente não conhece o tempo, insistência indestrutível, que ele se manifesta, contudo, em uma pulsação temporal que lhe é própria (o tema é freudiano), que, entretanto, ele quer tempo para se manifestar na sessão (tema pós-freudiano) ou que, ao contrário, trabalhador jamais em greve, ele tem todo o tempo, pois não conhece os muros da sessão (tema lacaniano). É que a concepção que se faz do inconsciente é solidária com a do tempo analítico.

A questão aberta por esse tema não é simplesmente clínica. Uma clínica o tempo é possível, sem dúvida, mas, para dizer a verdade, ela não está mais por ser feita, pois já se encontra bem balizada pelo ensino de Lacan. Tempo do sujeito que se "hystoriza"(NT) puxado entre antecipação e retroação: tempo próprio de cada estrutura clínica, que marca com seu selo a temporalidade universal do sujeito e cuja tipicidade já é o índice de um real, conforme elas se hystorizam ou não; "tempo lógico" de produção de uma conclusão a partir do "não sabido", produção cuja duração, incalculável, é própria de cada analisante, o que leva a pensar que, por mais lógico que seja esse tempo, ele é algo não só lógico, participando antes de um real que se manifesta na "textura" do tempo.

O ponto crucial de nosso tema hoje está, porém, noutro lugar, mais ético que clínico; o que uma análise sempre longa pode prometer ao homem apressado pela civilização? Efeitos terapêuticos às vezes e mesmo freqüentemente rápidos, sem dúvida alguma, contrariamente ao que se crê. Mas, além disso, "o tempo necessário", conforme a expressão de Lacan, permitiria produzir um novo sujeito?

Freud já se fazia essa pergunta, questionando em "Análise finita, análise infinita", para além do terapêutico, a possibilidade de um estado do sujeito que só se alcançaria pela análise. Mas ele se detém nesse limiar. Não que ele não reconheça que a análise produz surpresas, mas, para ele, paradoxalmente, elas não são o signo do novo, mas, ao contrário, são o signo do reencontro, do retorno de um passado infantil. Em conseqüência, o que uma análise pode prometer de melhor é a reconciliação do sujeito com o que ele rejeitara inicialmente no recalque, ou a admissão do que nem sequer havia sido simbolizado e que insistiria na repetição. Daí a extraordinária fórmula freudiana, em sua ironia: reduzir o infortúnio neurótico ao infortúnio banal.

Na opção de Lacan, ao contrário, o tempo é um possível vetor de novidade. É que ele não pode ser pensado unicamente como estruturado pela dimensão simbólico-imaginária que assegura a imanência do passado no presente. A questão do que ele implica de real deve ser colocada, quer isso agrade, quer não a Emmanuel Kant, pois,

antes de toda promessa analítica, é preciso responder à questão de saber como o tempo real de uma análise alcança o real do falasser.

Tradução: Sílvia Sobreira.

### COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL

Alberti Sonia	Brasil-CRIF)
Binasco Mario	(Itália-CRIF)
Diaz Patron Ana	(Argentina-CRIF)
Fingermann Dominique	(Brasil- Presidente do 5º Encontro Internacional)
Gomez Musso Lydia	(Espanha-CIOE)
Miralpeix Ramon	(Espanha-CIOE)
Palacio Luis Fernando	(Colômbia-CRIF)
Quinet Antonio	(Diretor EPFCL-Brésil)
Soler Colette	(França-CRIF)
Strauss Marc	(França-CIOE)
Teixeira Angelia	(Brasil-CIOE)

### PROPOSTAS DE TRABALHOS

Enviar título e argumento (15 linhas) até 30 de janeiro 2008 para a

Comissão Científica: [vencontroifepfcl@gmail.com](mailto:vencontroifepfcl@gmail.com)

Os trabalhos deverão ser entregues até 30 de maio de 2008.

### ORGANIZAÇÃO FÓRUM DO CAMPO LACANIANO-SÃO PAULO

Presidência	Dominique Fingermann
Organização Geral	Silvia Franco
Divulgação	Heloisa Ramirez
Acolhimento	Sandra Bossetto
Tesouraria	Silvana Mantelatto
Articulação IF-EPFCL	Beatriz Oliveira
Tradução	Sandra Berta
Site	Paulo Rona
Patrocínios	Silvana Pessoa
Livrarias	Sandra Galvão

**INSCRIÇÕES**

	<b>Profissionais</b>	<b>Estudantes</b>
até 30/11/07	R\$ 240,00 (3X85,00)	R\$ 160,00 (3X55,00)
até 31/05/08	R\$ 280,00 (2X155,00)	R\$ 220,00( 2X120,00)
de 01/06 a 30/06/08	R\$ 320,00 (só à vista)	R\$ 260,00 (2X140,00)
a partir de 01/07/08	R\$ 350,00 (à vista)	R\$ 280,00 (à vista)

Depósito bancário: Fórum do Campo Lacaniano

Banco: Unibanco - Agência: 7010 - Conta: 124931-9

Enviar comprovantes de depósito pelo fax: (11) 3567-7556

Obs: a taxa estudante é válida para os inscritos nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano.

**LOCAL**

Universidade Paulista – UNIP (Campus Paraíso)

Rua Vergueiro, 1211 - Paraíso, São Paulo

**HOTÉIS**

O encontro acontecerá na Universidade Paulista – UNIP (Campus Paraíso), lugar central de São Paulo. Uma lista de hotéis será providenciada, mas, desde já podemos informar que nos arredores da UNIP encontram-se hotéis cuja faixa de preço das diárias varia entre R\$ 85,00 e R\$ 300,00 (categoria econômica a hotéis 04 estrelas).

**Outras Informações**

As Assembléias da IF e da Escola :

Sexta-feira, dia 4, à tarde, discussões sobre a experiência do passe na EPFCL

Segunda-feira, dia 7, e terça-feira, dia 8 manhã: Assembléia da IF-EPFCL e votações

A pauta será estabelecida posteriormente pelos Colegiados internacionais (CRIF-CIOE-CIG).

**WEB:** [www.vencontro-ifepfcl.com.br](http://www.vencontro-ifepfcl.com.br)



## **Jornada de Trabalho da EPFCL**

### **O passe e a formação do analista**

Buenos Aires, 11 Agosto 2007

*Las consecuencias de la perspectiva del pase en la clínica y en la dirección de los análisis*

Jacques Lacan llamó “pase” a un momento del psicoanálisis, precedente o coincidente con su terminación, en el que se concentran sus efectos didácticos: el momento de pasaje del analizante a una posición de analista – que se caracteriza por el deseo de ubicar y dialogar con el saber inconsciente de otro sujeto –. Llamó del mismo modo a un dispositivo institucional en el que el analizado, y no el didacta, puede dar cuenta del modo en que ese pase aconteció en su propia experiencia, en tanto ha sido decisivo en su formación, diferenciada de la de los otros. Esta doble proposición lleva hasta sus últimas consecuencias el método freudiano que otorga al analizante la libertad en el ejercicio de la palabra: dejándole también la última palabra. A partir de esto se puede entender el pase, en tercer lugar, como un cambio de perspectiva radical en la clínica y en la dirección de los análisis. De esto hablaremos en esta Jornada algunos analistas que integramos o hemos integrado anteriormente la Comisión internacional de la garantía de la Escuela de psicoanálisis de los foros del campo lacaniano: qué nos enseñó esa experiencia, y de qué modo interpretamos sus efectos sobre la clínica, la cura y la formación del analista.

#### Comisión Científica para el evento

Susana Díaz

Viviana Gómez

Luís Izcovich

Gabriel Lombardi

Gladys Mattalia

Patricia Muñoz

#### Organización: Comisión Epistémica Local

Bibiana Benitez

Gabriel Lombardi

Mariel Santos

Mario Uribe Rivera

Jorge Zanghellini

Viviana Gomez (Responsable de la organizacion)

## **II Jornadas dos Fóruns da América Latina Sul (AlSul) de l'EPFCL**

### **Os tempos do sujeito e os discursos da época**

4, 5 e 6 Outubro 2007.

Fórum de Santiago-Chile.

**Jornada europeia da EPFCL sobre o passe**

**O passe? Penso nisso, mas...**

**O ato de se apresentar ao passe**

Sábado 6 Outubro 2007

Salons de l'Aveyron

17, rue de l'Aubrac

Paris XII Metro: Cour St Emilion

**As Jornadas da EPFCL-Françesa.**

**A identidade em questão na psicanálise .**

1 e 2 dezembro 2007 em Paris, no Palais des Congrès, Porte Maillot.

Responsável pela organização: Françoise Josselin.

Informação: 01 56 24 22 56

Wunsch é editado pela CIOE :

M. Angeles Escudero Gomez [mgomez@caribe.net](mailto:mgomez@caribe.net)

Lydia Gómez [lydiagomezmusso@telefonica.net](mailto:lydiagomezmusso@telefonica.net)

R. Miralpeix [miralpeix@ya.com](mailto:miralpeix@ya.com)

Marc Strauss [strauss.m@wanadoo.fr](mailto:strauss.m@wanadoo.fr)

M Angelia Teixeira [angelia@campopsicanalitico.com.br](mailto:angelia@campopsicanalitico.com.br)

Jorge A Zanghellini [zanghell@isis.unlp.edu.ar](mailto:zanghell@isis.unlp.edu.ar)

Participaram deste número:

Jairo Gerbase. (Salvador - Bahía)

Silvana Pessoa. (São Paulo)

Ana Laura Prates Pacheco. (São Paulo)

Blanca Sánchez Gimeno. (Gijón)

Patricia Zarowsky. (París)

Colette Soler. (París)